

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 25/01/2023.

**JOÃO MUNIZ JUNIOR**

**Memórias de um homem (do) partido:  
a escrita de si de Nelson Werneck Sodré**

**ASSIS  
2021**

# **JOÃO MUNIZ JUNIOR**

**Memórias de um homem (do) partido:  
a escrita de si de Nelson Werneck Sodré**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

**ASSIS  
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

M966m Muniz Junior, João  
Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de  
Nelson Werneck Sodré / João Muniz Junior. Assis, 2021.  
264 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

1. Biografia. 2. História. 3. Sodré, Nelson Werneck,  
1911-1999. 4. Epistemologia da virtude. 5. Performance  
(Arte). I. Título.

CDD 981.61

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

TÍTULO DA TESE: Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodré

**AUTOR: JOÃO MUNIZ JUNIOR**

**ORIENTADOR: WILTON CARLOS LIMA DA SILVA**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WILTON CARLOS LIMA DA SILVA (Participação Virtual)  
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. PAULO CESAR GONÇALVES (Participação Virtual)  
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES (Participação Virtual)  
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. FABIO FRANZINI (Participação Virtual)  
Filosofia e Ciências Humanas / UNIFESP/Guarulhos

Prof. Dr. ALEXANDRE DE SA AVELAR (Participação Virtual)  
Instituto de História / UFU/Uberlândia

Assis, 25 de janeiro de 2021

*À minha família*

## **Agradecimentos**

Externar gratidão é um ato público de reconhecimento que talvez seja mais importante para quem está a agradecer do que para o alvo da enunciação. Trata-se de um exercício em que reconhecemos a importância do outro em relação a determinados aspectos da nossa trajetória. Eu chego a essa altura do meu percurso na academia e aproveito oportunidade a fim de direcionar palavras de gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para que o processo de pesquisa que desenvolvemos nos últimos anos chegasse ao seu fecho.

Estou certo de que a relação de pessoas a quem eu deveria registrar a minha gratidão poderia ser muito mais extensa e detalhada do que a que se segue, mas penso que na maneira como se encontra, de uma forma ou de outra, ela incorpora a todos.

Assim, meu muito obrigado:

- Ao Professor Doutor Wilton Carlos Lima da Silva, meu orientador, pela dedicação, paciência e presteza, pela relação de confiança construída nos últimos 8 anos de trabalho conjunto, desde a iniciação científica, passando pelo mestrado para chegar agora, no doutorado. Wilton, para além da relação orientador e orientando, considero-te um parceiro, um amigo. Reforço o registro que fiz por ocasião da defesa do mestrado em 2015: os últimos anos permitiram-me enfrentar os desafios do ofício de historiador; errar, refazer e acertar. Espero que este último passo em maior quantidade que os demais.

- Aos Professores Doutores Paulo César Gonçalves e André Figueiredo Rodrigues, pela leitura atenta e as generosas sugestões quando do Exame de Qualificação.

- Aos Professoras Doutores Paulo César Gonçalves, André Figueiredo Rodrigues, Alexandre de Sá Avelar e Fábio Franzini pela disponibilidade de participar da Banca Examinadora.

- À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, que desde o meu ingresso na graduação ofereceu-me condições para formação profissional e crescimento intelectual.

- À CAPES pelo financiamento da minha pesquisa: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

- Aos professores do Departamento de História, da UNESP, Campus de Assis, pelo aprendizado durante os anos de graduação e durante as aulas da Pós-graduação.

- Ao Grupo de Pesquisa Memento, principalmente aos seus integrantes, que são também amigos: Rafaela, Ingrid, Manoel, Assíria, Ester, Kassiana, Ailton, Hugo, Inaye, Moisés, Adriano. Os nossos debates durante os nossos encontros renderam excelentes discussões sobre os nossos projetos de pesquisa e enriqueceram as nossas análises, além de enriquecer também os vínculos de camaradagem. Juntos, organizamos eventos, participamos de outros, vivemos a pesquisa, construímos lembranças lindas.

- À minha mãe, Ester, ao meu pai, João, aos meus irmãos, Gabriel, Ana Débora e Mário, aos meus cunhados, Gabriela e Bruno. Vocês são a minha família, a base sem qual eu teria ficado à deriva em muitos momentos. Agradeço o apoio, o amor e o cuidado, incondicionais.

“Este é tempo de partido,  
tempo de homens partidos.[...]”  
(ANDRADE, 2000, p. 29)

MUNIZ JUNIOR, João. **Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodré**. 2021. 264 f.: il. Tese (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar aspectos da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré. Para tanto, propusemos fazer esse estudo a partir das seguintes obras: *Memórias de um soldado* (1967); *Memórias de um escritor* (1970); *A Luta pela Cultura* (1990); *O fascismo cotidiano* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992); e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), a fim de ler, mapear e interpretar a memorialística do autor; bem como discutir determinantes sociais, políticas e culturais da construção da memória por meio de um relato específico de natureza autobiográfica; identificar os referenciais narrativos que se fazem presentes na escrita de si de Nelson Werneck Sodré e delimitar diferentes dimensões da narrativa, como um passado e um espaço social projetado na sua descrição de situações e comportamentos. O estudo do memorialismo deste autor é uma oportunidade de discutir sobre o gênero biográfico e suas relações com a narrativa literária e a escrita da história. Além disso, podemos questionar a temporalidade e a noção de história compartilhada pelo texto, bem como sobre o seu método de narrativa memorialística.

**Palavras-chave:** Memórias. História. Nelson Werneck Sodré. Virtudes epistêmicas. Performance.

MUNIZ JUNIOR, João. **Memories of a parted man: Nelson Werneck Sodré's self-writing.** 2021. 264 f.: il. Tese (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021.

### ABSTRACT

This research aims to analyze aspects of Nelson Werneck Sodré's memorial work. To this end, we proposed to make this study from the following works: *Memórias de um soldado* (1967); *Memórias de um escritor* (1970); *A Luta pela Cultura* (1990); *O fascismo cotidiano* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992); e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), in order to read, map and interpret the author's memorialistics; as well as discussing social, political and cultural determinants of memory construction through a specific report of an autobiographical nature; identify the narrative references that are present in the writing of Nelson Werneck Sodré and delimit different dimensions of the narrative, such as a past and a social space projected in his description of situations and behaviors. The study of this author's memorialism is an opportunity to discuss the biographical genre and its relationship with literary narrative and the writing of history. In addition, we can question the temporality and the notion of history shared by the text, as well as about its method of memorialistic narrative.

**Keywords:** Memories. History. Nelson Werneck Sodré. Epistemic virtues. Performance.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 – Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos.....</b>	<b>21</b>
1. Nelson Werneck Sodré: em sua memória e sobre seu memorialismo.....	22
1.1 Morte e rememoração.....	22
1.2. Panorama das memórias de Sodré: cronologias, temas e sistematização da narrativa.....	30
1.3. Um projeto memorialístico.....	53
2. A construção do indivíduo por meio da narrativa, a noção de dever de memória e os seus usos políticos na escrita de Nelson Werneck Sodré.....	55
2.1. A questão da identidade narrativa.....	57
2.1.1. Quadro temático relacional das memórias de Nelson Werneck Sodré.....	68
2.2. Os caminhos do dever de memória: conceituação, os seus usos políticos e sua prática....	84
2.2.1. Exercício político da escrita de si e dever de memória.....	92
<b>Capítulo 2 - As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade.....</b>	<b>100</b>
1. Virtudes epistêmicas e operação autobiográfica em Nelson Werneck Sodré: as técnicas e os seus usos.....	104
2. Virtudes epistêmicas e onde habitam no memorialismo de Nelson Werneck Sodré.....	107
2.1. As virtudes epistêmicas de Nelson Werneck Sodré: arquivo e memória.....	111
3. O fantasma do arquivo que assombra o memorialismo werneckano.....	127
<b>Capítulo 3 – O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré.....</b>	<b>180</b>
1. A concepção de performance e a sua constante no âmbito das memórias de Nelson Werneck Sodré.....	181
1.1. A performance autobiográfica.....	181
2. O memorialismo werneckano e a crítica literária: aspectos de uma relação.....	199
2.1. A crítica literária no Brasil: um panorama.....	200
2.2. Crítica literária, performance e virtudes epistêmicas.....	213
3. “Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento”.....	224
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>242</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>251</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>251</b>

## Introdução

Realizar uma pós-graduação do Brasil, sobretudo na área de Ciências Humanas, é um ato de resistência. Ato este que ganhou novos significados conforme eu pude estudar, analisar e me inteirar das lutas pela cultura e soberania nacionais, além da produção de conhecimento levadas a cabo por Nelson Werneck Sodré ao longo da sua trajetória intelectual, política e de cidadão brasileiro.

Lembro-me que em 2015, após a defesa do meu Mestrado, o meu orientador à época e também agora, Professor Wilton Silva, me perguntou sobre o que eu gostaria de trabalhar no Doutorado. Essa mesma indagação fora feita alguns anos antes, quando, por ocasião da conclusão da graduação em História na Unesp em 2012, eu finalizara um Projeto de Iniciação Científica sobre aspectos da construção de uma ideia de feminino no Brasil dos anos 1960-80 a partir de análises dos manuais de etiqueta de um autor chamado Marcelino de Carvalho. Naquela ocasião, em 2012, eu acabei não aprofundando as análises da Iniciação Científica, mas iniciando uma nova empreitada no Mestrado: o estudo do campo do biografismo.

A pergunta repetida, dessa vez em 2015, me fez pensar no trabalho realizado no Mestrado, sobre as relações entre a escrita biográfica e a escrita da história a partir de análises do biografismo de Raimundo Magalhães Junior, membro do IHGB, da Academia Brasileira de Letras, jornalista, escritor, poeta, cronista, contista, dramaturgo, tradutor, editor, biógrafo, político e um escritor de história, como ele próprio costumava se identificar. Apesar do tempo relativamente apertado para a realização de uma pesquisa de mestrado, entre 2013 e 2015 eu pude amadurecer em termos acadêmicos e produzir uma dissertação da qual me orgulho, inclusive, de ter convertido em livro lançado pela Cultura Acadêmica, um selo da Editora da Unesp.

Assim, no interlúdio entre a defesa do Mestrado e a escrita do projeto de Doutorado, eu refleti, com base na pergunta do Professor Wilton Silva, sobre as possibilidades de pesquisa, entre elas, analisar a escrita de si de Pedro Calmon e a produção biográfica sobre ele. Mas uma outra proposta me interessou mais naquele momento: estudar o memorialismo de Nelson Werneck Sodré.

A partir daí, comecei a pensar a escrita do projeto de pesquisa. Em grande medida, os aprendizados oriundos da experiência com o Mestrado foram fundamentais, tanto os de ordem prática, como a escrita de um projeto, os seus fundamentos, tais como tema,

hipóteses, justificativa, objetivos gerais e específicos, teoria e metodologia adotadas, como ainda, os de ordem bibliográfica mesmo, pois de certa forma, o arcabouço de leituras e referenciais são bastante próximos em se tratando de biografias e autobiografias, dentro do universo das escritas de si.

Sendo assim, pensar o memorialismo de Nelson Werneck Sodré, em grande medida sofreu influências teórico-metodológicas das análises empreendidas no estudo das biografias assinadas por Raimundo Magalhães Junior. Conceitos como o de identidade narrativa, de Paul Ricouer, a própria experiência metodológica de analisar um escrito de cunho biográfico, algo relativamente escasso em nossa literatura especializada, que se dedica muito mais a propor reflexões sobre *como escrever* uma (auto)biografia do que *como analisar* uma escrita de si.

No caso do estudo que desenvolvemos aqui nessa tese, adaptamos algumas abordagens em razão das especificidades do objeto, mas também precisamos nos cercar de outras formas de aproximação e reflexão sobre o memorialismo de Sodré, como por exemplo pensar sobre as virtudes epistêmicas de sua escrita de si, as relações entre o seu arquivo e sua narrativa de vida, além do ato performático dessa narrativa.

Chegamos então no momento de apresentarmos o que faremos neste trabalho, em que analisamos aspectos da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré.<sup>1</sup> Trata-se de um autor com uma trajetória densa, rica, mas também marcada por altos e baixos, momentos de avanços e recuos, como é a vida vivida e não aquela, da “ilusão biográfica”, denunciada por Bordieu (1996).

Nelson Werneck Sodré foi professor, escritor, jornalista, editor, crítico literário, um autodidata que, sem formação acadêmica, se tornou um dos mais respeitados intelectuais do país na década de 1950, com destaque para sua atuação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); militar que chegou ao posto de General e que foi perseguido por sua concepção marxista e filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), e, para nosso interesse específico, primeiro historiador brasileiro a compor uma escrita de si.

Estamos diante de um intelectual multifacetado, prolífero, atuante em diversas frentes, tanto no âmbito das Forças Armadas, como no meio intelectual e político,

---

<sup>1</sup> Será comum, ao longo do nosso estudo, usarmos a sigla NWS a fim de identificarmos o autor com o qual trabalhamos. Trata-se de uma sigla utilizada por amigos, colegas de trabalho, textos em jornais, entre outros.

também. Um indivíduo que em muitas ocasiões dividiu o seu tempo entre a caserna, a sala de aulas, as redações dos jornais, os arquivos públicos, o gabinete de trabalho e a família.

Apesar de nunca ter admitido publicamente o seu pertencimento ao Partido Comunista Brasileiro, Nelson Werneck Sodr e   reputado como tendo sim integrado os quadros do alto escal o do Partid o. Al m do mais, ainda que n o se leve em considera o a sua filia o ou n o ao PCB,   ineg vel as rela oes entre as teses marxistas do partido entre os anos 1950-60 e as que Sodr e defendia, como a d feudalismo no Brasil. Teremos a oportunidade de mais adiante em nossa tese abordarmos, ainda que brevemente, essa quest o de Sodr e se recusar a confirmar ou negar as suas rela oes pol ticas com o PCB.

Foi justamente pensando nesse homem multifacetado e nessa dubiedade de ter ou n o sido membro do Partido Comunista Brasileiro, que chegamos ao t tulo do presente trabalho, isto  , nas “Mem rias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodr e”. Esse jogo de palavras composto pela ideia de um homem partido, no sentido de multifacetado e um homem *do* partido, como sendo integrante do PCB,  , de certa forma, inspirado na carreira intelectual, militar, pol tica, deveras movimentada e voltada para diversas frentes de trabalho muitas vezes concomitantes do autor, que publicamente nunca admitiu e nem mesmo negou o seu pertencimento ao Partido Comunista Brasileiro.

Reis (1999) elenca a obra de Nelson Werneck Sodr e como uma das grandes matrizes explicativas do processo de forma o e desenvolvimento do Brasil, como manifesta o de um “sonho de emancipa o e da autonomia nacionais”, ao lado das produ oes intelectuais de Varnhagem, Gilberto Freyre, Capistrano de Abreu, S rgio Buarque de Holanda, Caio Prado J nior, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso.

Ap s certo ocaso, obra de Nelson Werneck Sodr e, considerada por alguns como sendo eivada de radicalismo, de ortodoxia, de esquematismos, al m de ser vista como base para os programas pol ticos do PCB, est  sendo revisitada. Ap s um per odo de marginaliza o, a obra desse autor assistiu a um crescimento do interesse por diferentes

aspectos de sua produção intelectual: a revolução brasileira, a análise literária, a análise do processo histórico do Brasil, as etapas da história nacional, entre outros.<sup>2</sup>

No entanto, não nos interessa aqui a sua contribuição teórica de base marxista sobre a história socioeconômica brasileira, que busca explicar a formação da burguesia no Brasil a partir da articulação de classes latifundiárias e da burguesia internacional (representada pelo imperialismo econômico), ou a explicação da história da literatura a partir do determinismo econômico, mas sim um aspecto particularmente pouco explorado da enorme contribuição intelectual de Nelson Werneck, isto é, seus livros de memórias, que podem oferecer elementos para a compreensão de temáticas como a sua personalidade e seu pensamento, as dimensões de sua trajetória como intelectual, militar e militante, e das relações dessas dimensões com distintos grupos e instituições.

Na tradição historiográfica brasileira são raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas (MORAES e REGO, 2002, p. ex.), além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos.

No Brasil, obras autobiográficas, portanto, textos de maior extensão e que cobrem dimensões públicas e privadas das vidas de historiadores, temos somente dois destaques, o próprio Nelson Werneck Sodré e Bóris Fausto, este último, autor de volumes como *Negócios e ócios* (1997), *Memórias de um historiador de domingo* (2010) e *O Brilho do Bronze* (2014).

A análise da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré abre as portas para uma discussão sobre um determinado conhecimento produzido acerca do passado, sobre os processos de formação da memória histórica e as maneiras de transmissão às gerações futuras. O autor, que nasceu no Rio de Janeiro em 1911 e faleceu em Itu – SP em 1999, atravessou um período efervescente, tanto da história mundial como da vida nacional.

Segundo ele próprio, em *Memórias de um escritor*, foi participante ou testemunha de acontecimentos importantes na história nacional. Esta participação intensa na história

---

<sup>2</sup> A obra do autor, que se afirma como dotada de “abrangência temática, esforço teórico e zelo de erudição”, apresenta um volume de mais de 50 livros, milhares de artigos, além de organizador de seis coletâneas e colaborador de diversas outras. (SILVA, 2012b, p. 4-5).

brasileira e o desejo de quem tem “o que contar” é um chamariz a fim de nos debruçarmos sobre os cinco volumes de suas escritas de si.<sup>3</sup>

O nosso estudo, se justifica, então, a partir dos seguintes aspectos: trata-se da escrita autobiográfica de um historiador, o que dentro da tradição brasileira caracteriza-se como manifestação rara; o autor, quer pelos méritos quer pelos limites de sua obra, é referência fundamental no pensamento historiográfico brasileiro; os títulos projetam uma distinção de múltiplas identidades, a do intelectual, a do militar, a do militante, a do escritor, a do historiador, a do crítico literário, a do jornalista, que, em termos cronológicos, vivenciou e se moveu durante vários períodos importantes da história do Brasil Republicano, o Modernismo, a Era Vargas, a reconstitucionalização após o fim do Estado Novo, o tenso clima político do período entre 1945 e o golpe civil-militar de 1964 e da ditadura militar instaurada, durante a qual inclusive o autor sofre perseguição política.

A escrita de cunho autobiográfico, como exercício de enunciação das lembranças por meio de uma narrativa, nesse contexto, se apresentaria como um objeto privilegiado para se constatar a multiplicidade de significados e expectativas que uma mesma matéria narrativa, no caso, a obra memorialística de Nelson Werneck Sodré, pode assumir em diferentes períodos e contextos nos quais seus significados são reelaborados.

A escrita memorialística de NWS foi iniciada e concluída durante a Ditadura Civil-Militar, apesar de algumas obras terem sido publicadas somente na década de 1990. Assim, iremos abordar aqui as seguintes obras: *Memórias de um soldado* (1967); seguida de *Memórias de um escritor* (1970), republicado em 1988 com o título *Em Defesa da Cultura*; *A Luta pela Cultura* e *O fascismo cotidiano* (1990); *A ofensiva reacionária* (1992); por último, *A fúria de Calibã* (1994), publicada poucos anos antes do falecimento do autor.

O texto memorialístico desse autor possibilita levantarmos questões a fim de refletirmos sobre a constituição híbrida do gênero, parte de história parte de literatura, que almeja por meio da narrativa de uma trajetória de vida construir um conhecimento histórico relacionado a uma perspectiva historiográfica. Podemos questionar ainda, a

---

<sup>3</sup> A obra memorialística de Nelson Werneck Sodré soma um total de cerca de 1900 páginas; os volumes que compõem esta obra seriam: *Memórias de um soldado* (1967); *Memórias de um escritor* (1970); *A Luta pela Cultura* (1990); *A ofensiva reacionária* (1992); e *A fúria de Calibã* (1994).

temporalidade e a noção de história compartilhada pelo texto, bem como sobre o seu método de narrativa autobiográfica.

O estabelecimento de um recorte temporal geralmente se trata de algo arbitrário, mas de extrema importância no contexto de uma pesquisa. Em nosso caso, optamos por inserir este recorte no período que compreende o período de publicação das memórias do autor, entre os anos 1960 e 1990. Todavia, nos guiaremos pelos temas abordados pelas obras e assim, o recorte não seria algo rígido, mas passível de flexibilização conforme se mostrar necessário.

Esse recorte que estabelecemos procura dar conta de um objeto de análise que não é tocado por um tempo único, mas por diferentes temporalidades, visto que a obra a ser estudada é uma lembrança, portanto, a partir de um presente, sobre temas como a vida intelectual, as relações entre o personagem central e os processos históricos nacionais, já que o escritor participou ativamente da história política e cultural brasileira.

Nelson Werneck Sodré, um autodidata, ao longo de sua carreira intelectual produziu dezenas de obras em que se ocupou da história do Brasil. Teve a sua produção reconhecida por seus pares, até mesmo aqueles que lhe faziam certas reservas, pela opção de seus métodos e referenciais teóricos, não lhe negavam o empenho de decifrar o Brasil e as suas origens.

Ao se dedicar à escrita da história da sua vida, NWS acabou se valendo de sua experiência como historiador a fim de compor a trama histórica que envolve os seus escritos de si. Assim, ao escrever sobre si, na verdade, Sodré está escrevendo sobre o que testemunhou no mundo, sobre os acontecimentos que vivenciou ou participou.

O foco pode a partir do subjetivo, mas de maneira alguma é uma escrita de um *eu* em busca de um si mesmo, tão somente. É de enorme valor para esse autor ocupar-se de si, ocupando-se do mundo ao seu redor. Podemos, sim, avaliar o que pensa o autor, seus valores, concepções de vida, visão de mundo, mas isso é filtrado pelo olhar do protagonista, via narrador, e em raras ocasiões é possível ver o autor se revelando a si mesmo, em estado de vulnerabilidade subjetiva.

A escrita de Nelson Werneck Sodré sobre si é guiada pelas virtudes oriundas de sua experiência como historiador. O seu olhar treinado procura transpor para o plano escrito, ainda que se ocupe de si, as suas impressões, análises e leituras da vida, como quem analisa as fontes para escrever sobre um período histórico. Aliás, a preocupação do

memorialista em pautar sua escrita com base em documentação é uma das principais características de sua escrita de si.

O estudo das memórias desse autor é uma oportunidade de discutir sobre o gênero autobiográfico e suas relações com a narrativa literária e a escrita da história. Além disso, podemos questionar a temporalidade e a noção de história compartilhada pelo texto, bem como sobre o método autobiográfico, a forma como acontece o aproveitamento dos resultados das pesquisas nos arquivos.

As memórias assinadas por Nelson Werneck Sodré constituem-se como objetos de estudo valiosos no entendimento de como esse autor conciliou uma escrita subjetiva com sua experiência como historiador. A nossa proposta é analisar a sua operação autobiográfica, sendo assim, trazemos à tona não somente aspectos do texto em si, mas também os seus elementos paratextuais, a maneira como lida com a documentação utilizada para basear a escrita, além dos textos que precedem a obra ou que a comentam, como é o caso da crítica literária. Estes textos fornecem elementos para o estudo da maneira como o autor, por meio do narrador, constrói o enredo autobiográfico.

Nelson Werneck Sodré possuía enorme cuidado em manter seu arquivo pessoal abastecido com farta documentação. O próprio autor faz questão de citar em suas memórias essa preocupação e o uso que faz de seu arquivo na escrita de sua história de vida. A preocupação com seu arquivo era tamanha, que em 1994 NWS doou todo o material para a Biblioteca Nacional, com a condição que o arquivo não fosse desmembrado, mas conservado como um acervo, o que acaba ocorrendo e inclusive, conta com grande parte disponível para consulta online no site da Fundação Biblioteca Nacional.

As memórias em foco permitem-nos analisar questões como: a abordagem que o memorialista desenvolve sobre as primeiras décadas da história da república no Brasil, depois a Era Vargas, seguida do período de democracia até o Golpe de 64 e as suas mazelas, principalmente concernentes às perseguições, execuções e atrasos na vida cultural brasileira.

Talvez esse, a luta pela cultura, título de uma de suas memórias e inspiração para o de outra, seja o principal tema das memórias escritas por NWS. Em todas elas essa temática é abordada de alguma forma. Mesmo em *Memórias de um soldado* (1967), que aparentemente focaria em sua trajetória à serviço das forças armadas, ainda assim, questões as leituras nos tempos do colégio em que frequentou o colégio militar, os cursos

de aperfeiçoamento que realizou, os cursos que ministrou para ingressos no Exército ou até mesmo cursos mais avançados, as revistas para as quais contribuiu ainda nos tempos de estudante, enfim, o tema sobre a produção cultural é latente.

Em *Memórias de um escritor* (1970), então, esse debate sobre a vida cultural no Brasil ganha ainda mais força. São relacionados os seus desafios inerentes à vida cultura, como a falta de investimentos, as dificuldades financeiras das editoras, além da pauperização de quem vive única e exclusivamente das letras, são constantemente abordados pelo memorialista. Trata-se de uma obra em que Sodré aborda desde a sua formação como leitor na infância, passando pelo período de adolescência e juventude até sua estreia com História da literatura brasileira, que ele considera marco inaugural na sua carreira de escritor. Nessa obra é feito um balanço dessa primeira fase de sua produção, que o autor considera se encerrar por volta de meados dos anos 1940, para dar início em um novo ciclo, narrado em *A luta pela cultura* (1990).

Nessa obra, basicamente a narrativa retoma a partir do encerramento da anterior e abrange um período de 1945 a 1960. Trata-se de um período de intensa produção intelectual de NWS, ele fez o curso de aperfeiçoamento da carreira de oficial do Exército na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), as colaborações com jornais e revistas no eixo Rio-São Paulo se intensificaram, participou do grupo fundador do Instituto Superior de Estudos Brasileiro (ISEB), assumindo o cargo de professor e responsável pelo Departamento de História.

*A ofensiva reacionária* (1992), em termos de periodização, faz um recuo na narrativa para tratar do ISEB. Acontece que esse será o tema principal da narrativa. Apesar de que em *A luta pela cultura* essa questão já ter sido abordada, o narrador, ainda assim, usa a estratégia de recuo até os anos de 1958 e avança até as vésperas do Golpe de 64. Apesar do período curto que abrange a obra, o autor trata com minúcia a sua participação nas atividades do ISEB, as suas responsabilidades para com a instituição. Além disso, o grande foco será a crise que se abaterá no ISEB, provocando a formação de grupos antagônicos e a atividade predatória da grande mídia explorando a formação das facções. Um dos focos do narrador é também narrar a forte campanha de parcelas massivas da mídia contra o protagonista em função de suas posições à esquerda no campo político e as suas convicções intelectuais.

*A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), cobre um período de 12 anos, do Golpe até 1972, quando o autor encerra a escrita de sua obra memorialística. Em

termos gerais, o livro procura evidenciar a participação dos estadunidenses no processo golpista, bem como a aliança entre civis e militares para o sucesso do ataque e derrota da democracia no Brasil.

O autor procura retratar o clima da época: as perseguições políticas, as prisões, as cassações de mandatos políticos e também dos direitos políticos, as arbitrariedades de toda ordem contra as liberdades democráticas, extintas, contra a educação, a cultura, a vida. Nesse livro, Sodré relata ainda as forças de resistência intelectual ao regime militar, as vozes que não aceitaram serem silenciadas, inclusive a sua, que se organizaram, que se dividiram também, mas resistiram, por meio da defesa da cultura, do conhecimento contra o obscurantismo das forças de opressão que governavam o país.

Já *O fascismo cotidiano* (1990), como veremos no terceiro capítulo, é um caso à parte, não se trata de um livro de memórias. É uma escrita de si, mas do tipo diário. Ao mesmo tempo, não é um diário íntimo, mas voltado para os assuntos públicos, raramente se aventurando pelas subjetividades do autor. Nessa obra, escrita entre os meses de abril e junho de 1976, NWS utiliza manchetes, notícias, reportagens veiculadas na mídia para filtrar aspectos do cotidiano que pudessem dar pistas, indícios, para formar um quadro de denúncia contra os crimes praticados pela Ditadura Civil-Militar. É um livro que não guarda preocupações literárias ou científicas, como o próprio autor vai dizer, mas que cumpre com um propósito de denúncia, a partir do depoimento de alguém que vivenciou os fatos e tinha o desejo de legar uma memória do que ocorrera.

O memorialismo werneckano reflete uma preocupação do escritor com a ideia de que seria preciso reconstituir o meio social, cultural e histórico em que sua trajetória de vida se inseria, entre os anos 1920 e 1970, especialmente, nos períodos que apontamos agora há pouco na breve descrição que fizemos de suas escritas de si.

Nas últimas décadas, apesar do renovado interesse dos historiadores pela temática biográfica, entre nós, ainda não são muitos os trabalhos sobre o estudo das histórias de vida pela análise historiográfica. A maior parcela dos trabalhos que abordam a temática são análises de *como escrever* (auto)biografias e são escassos os estudos que se debruçam sobre *como analisar* (auto)biografias.

Existe uma carência de se investigar aspectos da trajetória dos gêneros que compõem as escritas de si e suas intersecções ou afastamentos em relação à historiografia, a fim de se analisar questões de ordem teórica e metodológica que cercam tais escritos

além de averiguar as mutações sofridas por este tipo de narrativa como um nicho da produção intelectual.

Estudar obras de cunho autobiográfico apresenta-se como uma rica possibilidade de análise para o historiador, porque muitas das questões debatidas por este profissional em seu campo de atuação também são enfrentadas pelo gênero autobiográfico: as condições de liberdade, de escolha e relações de poder presentes na vida humana, as relações entre indivíduo e sociedade, o indivíduo e a história, a questão do jogo de escalas na análise histórica.

O presente trabalho possui a seguinte estrutura: introdução, três capítulos e conclusão, sendo que na introdução apresentamos um panorama geral do texto.

O capítulo 1, “Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos”, é dividido em duas seções principais. Em primeiro lugar, iremos apresentar alguns textos, eventos, ações, obras, que ou se referiram ao centenário de nascimento do autor em 1911 ou foram elaborados pensando nessa efeméride; ainda nessa primeira parte, oferecemos ao leitor uma visão panorâmica do memorialismo werneckano, suas principais temáticas e as relações possíveis entre os seus escritos de si em termos de narrativa.

A segunda seção desse capítulo procura refletir sobre as possibilidades de pensarmos a constituição do indivíduo por meio da narrativa e analisa ainda a noção do dever de memória e dos seus usos políticos presentes nas escritas de si de NWS. No tocante a ideia de indivíduo, nós recorremos, principalmente, às concepções de Ricoeur (1991; 2007; 2013). Conforme desenvolvemos a reflexão sobre a constituição do sujeito narrativo, procuraremos relacionar essa abordagem com o conceito de dever de memória e o do uso político da mesma, conforme os pressupostos de, entre outros, Guazzelli (2010), Heymann (2007) e Lalieu (2001).

O capítulo 2, “As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade”, se debruça sobre o memorialismo de Nelson Werneck Sodré tendo como orientação o conceito de virtudes epistêmicas com o objetivo de colocarmos sob estudo a escrita de si desse autor e relacionarmos com a sua prática historiográfica. O cenário analítico que se desenrola a partir dessas concepções é o de um autor preocupado em garantir o máximo possível de verossimilhança à sua narrativa de vida com o uso constante de recursos que podemos identificar como sendo virtudes epistêmicas.

O capítulo 3, “O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré”, contempla duas seções principais. O nosso primeiro passo será

destinado a analisar a noção de performance no âmbito das memórias assinadas por NWS. Ainda nessa primeira parte, faz parte dos nossos objetivos, entendermos como essa performance narrativa orienta, permeia, induz uma escrita memorialística eivada de combatividade política; ainda nessa etapa, dedicamos nossos esforços a fim de analisarmos as maneiras pelas quais alguns textos da crítica literária recepcionaram os escritos de si de Sodré, o que nos ofereceria pistas de como o memorialismo desse autor foi pensado na época por alguns elementos da crítica.

A segunda etapa do capítulo procura analisar a obra *O fascismo cotidiano*, na qual Nelson Werneck Sodré pratica uma escrita que seria um misto de crônica jornalística e diário. Esse livro, devido à sua singularidade entre os escritos de si desse autor, acabou sendo alocado para essa parte do texto da tese e será tratada segundo as suas especificidades.

A escrita de si de autoria de Nelson Werneck Sodré é permeada por questões como as relações entre indivíduo e sociedade, as maneiras pelas quais o protagonista é entretecido na malha social, as disputas pelo poder, nas alterações pelas quais passou a sociedade da época em que viveram, além, evidentemente, do olhar, em primeira pessoa, do autor, via narrador, na montagem dos quadros temporais em que foi testemunha e agente histórico.

## Considerações finais

As histórias de vida são capazes de atrair leitores dos mais diversos estratos sociais e com os mais variados níveis de formação educacional. Um dos formatos mais consumidos de relatos de trajetórias individuais, tradicionalmente, é a modalidade em que a narrativa é vertida para uma escrita. Entretanto, outras modalidades, nas quais o centro gravitacional é a vida de um indivíduo, também se tornaram atrativas, como as peças de teatro, os filmes, as séries televisivas (e nos últimos anos, os serviços de *streaming*), os programas de *reality show*, as entrevistas (em seus mais variados formatos, inclusive as do tipo *talk show*), o universo de produtos audiovisuais disponíveis para consumo em plataformas como o *YouTube*, *weblogs*, *fotologs* e *vlogs*, além, é claro, das mídias sociais.

Em que residiria o amplo sucesso das histórias de vida? Ora, as respostas podem ser pensadas a partir de diferentes ângulos. Uma das possibilidades seria considerarmos que o sucesso das (auto)biografias se daria em virtude da evocação da ideia de tal gênero se estabeleceria como guardião de uma vida da qual admiramos, nos inspiramos, nos comparamos, numa relação de empatia e alteridade. O leitor se sente desejoso de olhar no espelho das palavras que procuram captar uma trajetória pessoal e encontrar um pouco de si mesmo, no sentido da teoria do estágio do espelho de Lacan.

Escritas de cunho (auto)biográfico carregam em suas bagagens possibilidades de sentidos, direcionamentos, vivências, experiências, confidências, testemunhos, fóruns íntimos e/ou públicos, impasses, fluxos, refluxos que se constituem, muitas vezes, como lugares de trocas em que a moeda corrente é a memória individual e a memória coletiva em suas mais complexas e variáveis imbricações.

As narrativas que são englobadas como atos biográficos possuem fronteiras permeáveis e à mercê de expectativas variáveis ao longo do tempo no tocante a aproximar-se desse ou daquele modelo, elogiosos, iconoclastas, romanceados, históricos. As sociedades, em suas complexidades, acordos, restrições, imposições, barganhas, (re)arranjos, negociaram as variantes dos modelos de escritas de si compatíveis com determinadas realidades localizadas no tempo e no espaço.

Neste trabalho discutimos como, na escrita autobiográfica, a questão da identidade narrativa é ponto fulcral para se pensar sobre esse tema. Os mais diferentes tipos de abordagens de escritos do eu se deparam com a dimensão da identidade narrativa. É em torno e em função desse eu que gravita o universo composto pelos elementos do tempo

em seus fluxos de passado, presente e futuro, não necessariamente nessa ordem, e do espaço, ou melhor, dos espaços, uma vez estes podem ser de cunho material ou imaterial.

O ato autobiográfico é tensionado entre um regime de verdade e a liberdade criativa. Isso ocorre em função da sua constituição híbrida, em que os domínios da história e da literatura se interpenetram em graus variados, conforme as escolhas do autor, via narrador. Ao longo do tempo, com alcances variados, esse intercâmbio entre o dito real e o considerado ficcional foi encarado como um estigma desse tipo de narrativa. Todavia, é possível que seja justamente tal marcação um dos coeficientes de seu sucesso e ainda, de campos férteis em possibilidades de análises e reflexões de ordem historiográfica.

O gênero autobiográfico, inclusive a escrita memorialística, é passível de ser estudado de maneira a nos debruçarmos sobre ricas possibilidades que se abrem como vias de acesso às condições humanas em suas múltiplas diversidades, não condicionando os movimentos do sujeito histórico, mas servindo de palco em que as diversas personas que compõem um indivíduo tenham suas atuações na arena social.

Ao estudarmos as narrativas de trajetórias individuais, nos deparamos com oportunidades de estabelecermos análises mais equilibradas ao considerarmos tanto o contexto em que vivia o protagonista do enredo quanto a sua atuação na sociedade em que experienciou suas vivências. Além do mais, podemos buscar entender as maneiras pelas quais as ações de um indivíduo, em suas escolhas, decisões, influem o campo social e como este impacta na vida de um sujeito.

Desde os anos 1980, sobretudo a partir dos anos 1990, quando se intensificaram os debates acerca do que se convencionou denominar como um “retorno” do gênero biográfico, muitas foram as formulações explicativas para que tal ocorresse, tais como a crise do marxismo, a libertação de uma história quantitativa e serial que havia subjugado a história factual, ou seja, a evolução da historiografia francesa, o desenvolvimento de formas de escrita correlatas, como o diário e a autobiografia, o crescimento de um público leitor especialista, ou não, que fomentou uma procura ou uma intensificação dessa procura por narrativas (auto)biográficas, ou até mesmo, o apelo ao *voyeurismo*.

Apesar de toda a enorme gama de teses levantadas sobre o sucesso, alcance, impacto, origens, acerca do tema do biográfico, pode-se pensar que a confluência da reflexão historiográfica e do gosto do público pelo gênero se operou em virtude de um fator mais praticamente incontornável: a renovação do individualismo. Apesar de serem variáveis as tentativas de explicação para a explosão das narrativas de vida nas últimas

décadas, há algo que precisamos reconhecer: a importância do gênero na reflexão historiográfica atual.

Essas concepções nos inspiraram a realizar no primeiro capítulo, “Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos”, um esforço analítico no qual tratamos da concepção de indivíduo no âmbito da narrativa. Todavia, antes de entrar nesse tema e como forma de apresentarmos o nosso objeto de estudos, partimos do centenário do nascimento de Nelson Werneck Sodré em 2011.

A ideia foi justamente inteirarmos o leitor a respeito das disputas de memória em torno de NWS como forma situarmos e orientarmos o sentido que as nossas análises assumiriam. Integrou essa estratégia uma panorâmica do memorialismo werneckano, na qual a escrita de si do autor é esquematizada tendo como fio condutor as maneiras pelas quais o narrador fala do personagem central e conduz a trama.

Ainda no primeiro capítulo, procuramos refletir sobre a constituição do indivíduo por meio da narrativa. Além disso, fez parte do nosso escopo de análise a noção do dever de memória e dos seus usos políticos presentes nas escritas de si de NWS. Problematicamos as concepções de Lejeune (2008) no que concerne a sua abordagem da questão autobiográfica. Chamamos a atenção que esse autor, ao exigir que uma narrativa, para ser autobiográfica, teria que manter uma unidade contínua entre autor, narrador e personagem, parece não levar em consideração as propostas de Heidegger (1996) no tocante às mudanças que operam no eu ao longo de uma existência.

Trouxemos para o debate as formulações de Arfuch (2010), que se encarrega de esmiuçar as alterações e variações do eu no processo de construção de si. Isso nos levou a recorrer a Ricoeur (1991) a fim de pensarmos sobre a identidade narrativa e a construção imaginária do “si mesmo como outro”.

Para esse autor, compreender o gênero autobiográfico implica considera-lo como um tipo de composição em sua dimensão de narrativa, em sua abertura para que um determinado indivíduo questione a sua existência e sobre ela teça avaliações por meio da escrita. Neste sentido, importou-nos distinguir a identidade narrativa elaborada como autobiografia, para, então, problematizarmos e interpretarmos a elaboração de um *eu* e um *si mesmo* que Nelson Werneck Sodré fez em sua obra memorialística.

Vimos que o ponto central da identidade narrativa é a articulação entre o caráter (*mesmidade*) e a livre manutenção de si (*ipseidade*). A identidade é formada a partir da narrativa de sua própria história, assim é que constitui-se a identidade do *eu*. Existe uma

articulação entre história, narrativa e o *si-mesmo como um outro*, ou seja, o indivíduo compreende-se como pessoa por meio de uma narrativa de sua história. Portanto, o *si* é formado como agente e paciente por meio da narrativa.

Após analisarmos a questão da identidade narrativa, dedicamo-nos ao estudo das relações entre o exercício político que o narrador faz da escrita de si de Nelson Werneck Sodré com um dever de memória e as demandas do presente em que o autobiógrafo compôs as suas narrativas.

O dever de memória foi pensado como uma ação de falar sobre um passado a que o memorialista queria fazer justiça, reparação. Para tanto, propomos que NWS encontrou suporte na exposição de um testemunho realizado na forma de escrita de sua história de vida. Ou seja, o memorialismo werneckano seria a materialização de um dever de memória que ao manifestar-se constrói um lugar de memória via escrita de si. Seria em meio a essa confluência entre lugar de memória e dever de memória que os escritos de si de Nelson Werneck Sodré podem ser inseridos.

Consoante a isso, Nelson Werneck quis não só descrever, como também, e, principalmente, refletir sobre esse passado, não apenas como informação, mas como testemunho de uma fase da história brasileira que chegava ao fim e fora a construtora de sua cultura: questão essa que pode pensada na perspectiva de interpretação da identidade narrativa, elaborada por quem escreve sobre o seu *eu* e sobre o mundo no qual está.

O capítulo 2, que recebeu o título de: “As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade”, foca o memorialismo de NWS a partir da identificação das escolhas narrativas que o autor fez. Para pensarmos essas escolhas, refletimos sobre as virtudes epistêmicas e seus usos no âmbito da escrita de si de Sodré. Constatamos que se trata de um historiador, cioso de manter o decoro de sua prática ainda que se aventurasse pelo mundo da escrita de sua história de vida.

As virtudes se constituíram, então, em uma espécie de salvaguarda para que NWS elaborasse uma escrita de si, mas a partir de uma preocupação de legitimação, cujo alcance se daria pelo uso constante dos recursos discursivos, técnicos e metodológicos do campo histórico.

O conceito de virtudes epistêmicas nos proporcionou um olhar mais abrangente que permitiu contemplar as relações entre a produção historiográfica de NWS, um autodidata, portanto, fora dos muros universitários, e a sua escrita memorialística. Isso foi possível, pois as virtudes epistêmicas permitem a elaboração de uma análise que leve

em consideração os valores considerados desejáveis, em determinado espaço, tempo e grupos, para que um indivíduo possa falar sobre o passado de maneira legítima. (OHARA, 2017, p. 23).

A partir dessas concepções, pudemos entender NWS como um historiador, reconhecido por seus pares, sempre preocupado com a questão da formação histórica brasileira e suas expressões culturais e ainda, em busca de reconhecimento. O protagonista, que, além de historiador, foi jornalista, professor, escritor, crítico literário e editor, apesar de não ter feito parte da comunidade de “historiadores profissionais”, foi considerado como um dos tais em função da sua produção historiográfica e por apresentar as virtudes epistêmicas ou as técnicas que o qualificavam como um historiador.

Um dos pilares desse capítulo foi pensar o conjunto dessas virtudes epistêmicas, concebidas como técnica de elaboração de uma *persona* acadêmica (e social) e as maneiras pelas quais influenciaram a maneira como NWS procurou trabalhar com as técnicas do ofício de historiador no interior do seu memorialismo no âmbito de uma operação autobiográfica.

Percebemos que a principal manifestação da valorização de NWS a respeito do cultivo de virtudes epistêmicas em relação ao seu memorialismo se deu pelo uso intenso de seus arquivos na trama narrativa. A fim de nos debruçarmos sobre esse aspecto, nos valem, em boa parte de nossa reflexão, das concepções de Derrida (2001) sobre o tema do arquivo.

Foi-nos possível identificar em NWS uma contínua renovação do seu arquivo, visto a partir da perspectiva do tempo presente. Assim, refletimos que é a partir das demandas do agora que se opera em relação ao arquivo as relações de poder. Chamamos a atenção o cuidado e preocupação do autor, não somente com a manutenção do seu arquivo, mas ainda, o seu esforço para garantir que fosse doado, ainda em vida, para a Biblioteca Nacional.

Propusemos que as memórias de NWS funcionariam dentro do sistema de consignação do arquivo. A relação de poder se dá uma vez que o memorialista procura garantir uma dupla sobrevivência ao seu arquivo: ao doá-lo, mas também por meio de uma determinada leitura e interpretação, a sua, sobre esse acervo.

Cabe ressaltar que a fim de estabelecermos as relações entre a ideia de virtudes epistêmicas e o zelo arquivístico de NWS, procuramos conectar o uso que o memorialista faz de documentos presentes em seu arquivo pessoal no interior de sua escrita de si. A

nossa intenção foi demonstrarmos a importância que o autor devotava ao seu arquivo pessoal e a uma ideia de legitimação do seu discurso memorialístico na construção de uma imagem de si mesmo que fosse de acordo com as expectativas de seus pares, num desejo constante de ser aceito.

No terceiro e último capítulo, “O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré”, procuramos trabalhar com a ideia de performance no interior das memórias escritas por NWS. Uma preocupação nossa foi mostrar como as narrativas de vidas possibilitam ao performer autobiográfico abrir as vias de acesso para que o leitor, numa relação de empatia, experiencie-se a si mesmo a partir das vivências do personagem central. Para que essa relação alcance seu propósito, é preciso que o performer desenvolva a contento um desempenho comunicacional, base de toda performance.

No memorialismo de NWS a performance se desenvolve a partir de um plano de interação com o leitor, em que, o memorialista tange sua narrativa sobre si com base em recursos performáticos que se aliam às virtudes epistêmicas de maneira a constituir uma escrita que encena a sua história de vida sem comprometer os valores que lhe eram caros.

Como ficou demonstrado, no memorialismo werneckano, a performance do autor tem íntima relação com o empenho narrativo de um *eu* que parte do presente em que escreve e usa um narrador para acessar o passado sobre esse mesmo *eu*. Mas, em virtude da passagem do tempo, torna-se impossível a concomitância entre esse *eu* do presente com o *si mesmo* do passado.

Com base nessa impossibilidade, nos indagamos: qual seria o Nelson Werneck Sodré que se apresenta em sua narrativa sobre si? Seria o homem (do) partido que sugere o título do presente estudo? Ora, como ficou registrado, não se trata de pensar numa singularidade do indivíduo no sentido de uma identidade unívoca. Ocorre que NWS se vale de um constante jogo de máscaras para construir a narrativa que conta a sua trajetória pessoal o autor. Mas uma coisa é certa, a vida privada é praticamente intocada, sendo privilegiada o aspecto público de sua trajetória. As máscaras, portanto, seriam as do homem público, historiador, jornalista, escritor, militar, ou seja, revela-se escondendo-se. Se *do* Partido Comunista ou não, vale lembrar que os silêncios também se comunicam e que algo é inegável: estamos diante de um homem partido, em diversas atuações profissionais, intelectuais e ainda, partido nas diversas identidades de si mesmo ao longo do tempo, constituídas via narrativa.

No processo de uso dessas máscaras a fim de falar de si para um público, afinal, quem se dispõe a contar a sua própria história de vida, o faz de maneira a ser lido, analisado, comparado, em suma, torna-se disponível de ser observado por um público leitor. Assim, o ato de dar forma narrativa a própria vida inclui também um público.

Com o intuito de sondar as maneiras pelas quais o público leitor reagiu às publicações das memórias de NWS, nós realizamos uma prospecção de como uma parcela da crítica literária avaliou tais escritos. Centramos as nossas análises em uma amostragem composta por textos de crítica veiculados em jornais do eixo Rio-São Paulo, cujo intuito foi o de mapear e entender alguns aspectos do que parcelas da crítica tinham para falar sobre o memorialismo werneckano.

Sobre essa crítica literária, sobretudo nos anos 1960-1970, vimos que havia uma expectativa e uma valorização de uma escrita memorialística que desse conta do contexto histórico. Aliás, NWS consegue articular muito bem os mecanismos de legitimação dos fatos narrados ao recrutar para a trama do texto as virtudes epistêmicas, mas não deixa de construir um texto agradável de ser lido, com fluxo narrativo, oriundo, possivelmente, de sua experiência jornalística. Em confluência à essa perspectiva, ficou claro que o autor administrou sua escrita de modo a performar uma identidade narrativa que fosse lida, no sentido de compreendida, por seu público e concebida de acordo com sua intenção comunicacional: um historiador que decidiu falar de si mesmo como forma de falar do seu tempo.

Isso ficou ainda mais evidente quando abordamos *O fascismo cotidiano*, obra que se enquadra em um nicho particular das escritas de si: o dos diários. Uma vez que essa modalidade escrita se interessa pela atualidade, enquanto que a autobiografia, as memórias se ocupam de um passado mais distanciado.

Nos empenhamos em mostrar que apesar de se tratar de um diário, essa escrita de si de NWS se encarrega de encontrar sentidos para compreender a “minha época”, como se encarrega de enfatizar o autor. Entretanto, nos vemos diante de um NWS que almeja ser compreendido em sua particularidade, sim, mas em sua dimensão de agente histórico, testemunha e partícipe na sociedade em que se inseria.

O ponto essencial que pudemos constatar foi o desejo do diarista de compartilhar com o leitor os pequenos fatos, corriqueiros, cotidianos, mas reveladores da época em que vivia o protagonista. Nelson Werneck Sodré se colocou como voz que clamava em

meio à censura imposta pela Ditadura Civil-Militar, motivado por um dever de memória, por uma força de resistência.

A escrita de si de autoria de Nelson Werneck Sodré é permeada por questões como as relações entre indivíduo e sociedade, as maneiras pelas quais o protagonista é entretecido na malha social, as disputas pelo poder, nas alterações pelas quais passou a sociedade da época em que viveram, além, evidentemente, do olhar, em primeira pessoa, do autor, via narrador, na montagem dos quadros temporais em que foi testemunha e agente histórico.

É justamente a ideia de ter sido testemunha e partícipe da história de sua época que se constitui um dos pilares do edifício memorialístico de Nelson Werneck Sodré. Cabe então questionarmos: como foi que NWS deu conta de construir essa edificação? Ora, ele adotou um comportamento performático em que as máscaras do escritor, do crítico literário, do jornalista, do ensaísta, do historiador se juntaram em um jogo de representações de múltiplos *eus* na configuração de uma escrita de si orientada pelas virtudes epistêmicas, mas que não perdeu de vista a sua dimensão narrativa, e nem as suas parcelas de ficção.

Tendo claro que se aventurava na escrita de um texto marcado pela condição de ser híbrido, misto de história e de literatura, não há dúvidas da opção de NWS pela valorização do aspecto histórico. Prova disso é o uso maciço de documentos de seu arquivo pessoal, a preocupação em situar o personagem central no contexto em que viveu e o flagrante receio de tratar de temas de fórum particular, portanto, cerceando o alcance subjetivo que a narrativa poderia ser alçada.

É evidente que há a dialética entre o individual e o geral, entre o personagem das memórias e a época em que viveu. Independentemente de onde o foco do jogo de escalas parta, se do geral para o particular ou vice-versa, a intenção do autor sempre é a compreensão do tempo em que viveu. Mesmo que haja o dever de memória, os usos políticos de sua escrita de si, o comportamento performático, os mecanismos narrativos são desenvolvidos para o testemunho de uma época.

Nelson Werneck Sodré foi um historiador preocupado com as origens do Brasil. Sua produção historiográfica insere-se entre a geração de historiadores autodidatas, dependentes do reconhecimento de seus pares e a geração dos historiadores profissionais formados pela academia. Conduziu a sua escrita sobre a nossa história a partir do

arcabouço teórico-metodológico do marxismo. Um autor marcado pela carreira multifacetada: militar, jornalista, crítico literário, professor, historiador, ensaísta.

Apesar de uma vida agitada, produtiva, as suas várias facetas possuíam em comum uma dedicação ao entendimento dos problemas nacionais, ao estudo das possibilidades de se vencer os desafios que se colocavam ao desenvolvimento do país em suas mais variadas dimensões: econômica, política, social, cultural, principalmente esta, que se constituiu em uma de suas principais bandeiras de luta. Não poderíamos deixar de mencionar ainda, que estamos diante de um autor que se valeu de suas armas intelectuais e de sua combatividade política em prol de uma democracia saudável, da garantia da dignidade humana, principalmente em tempos de angústia, incertezas e retrocessos.

Ao concluirmos as nossas análises sobre esse autor e sua produção memorialística, sentimo-nos gratos pelo aprendizado relacionado à pesquisa em arquivos, como o acervo pessoal do autor sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional, pela experiência de nos depararmos com uma fatia do tempo da história brasileira, com uma determinada concepção de escrita da história e ainda, com o rico debate sobre o gênero autobiográfico, em particular, a escrita memorialística.

## FONTES

### Instituições com acervos referentes

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ

Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis, SP

### Fontes manuscritas e impressas

Correspondência ativa e passiva de Nelson Werneck Sodré; recortes de jornais e revistas, disponíveis no Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; datas-limite: 1924-1994; localização: 32; 67,003; ARQ 1,2; MAP II; sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Obras de cunho autobiográfico de autoria de Nelson Werneck Sodré:

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor – I - Formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Vera Cruz – 146).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990a.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O fascismo cotidiano*. Belo Horizonte (MG): Oficina de Livros, 1990b.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofensiva Reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- ALVES FILHO, Ivan. Meu amigo Nelson Werneck Sodré. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Orgs). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, pp. 31-45.
- ALVES FILHO, Ivan. Tudo é política. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *História*. São Paulo, n.14, p. 125-136, 1995.
- ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p.51-88, 2003.
- ARARIPE, Luís de Alencar. Militares e democracia. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Org.). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, pp. 61-84.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- AURELL, Jaume. Autobiography as unconventional history: Constructing the author. In: *Rethinking History*, v. 10, n. 3, p. 433-449, 2006.
- AURELL, Jaume. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. In: *História*, Franca, v. 33, n. 1, p. 340-364, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- BAUMAN, Richard. *Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge University Press, 1986.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 201-207, 1998.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERSTEIN, Ana. A performance solo e o sujeito autobiográfico. In: *Sala Preta. Revista de Artes Cênicas*, São Paulo, n. 1, p. 91-103, 2001.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOLIVAR, Silvia. [Orelha do livro]. In: SODRÉ, Olga. *Odisseia de um general do povo brasileiro e de sua geração intelectual: testemunho de Olga Sodré sobre o combate intelectual de Nelson Werneck Sodré*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2019.

BOLLE, Adélia Bezerra de Menezes. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.181-191.

BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia Regina (Org.). *Memória e (re) sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001a.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CAMARGO, Ana Maria de A. Arquivos Pessoais são Arquivos. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, n. 2, p. 26-39, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. O público e o privado: contribuição para o debate em torno da caracterização de documentos e arquivos. In: *Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 57-64, 1988.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Tempo e Circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. “Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser...”. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgio do eu*. Educação, História, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 203-22.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. *Cartas e Escrita*. 2000a. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000a.

- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.
- CARVALHO, Raphael Guilherme de. Escrita de si e história da historiografia. In: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 243-248, 2015.
- CEZAR, Temístocles. Prefácio: a constituição de um panteão de papel. In: OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar história: a biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 11-14.
- CHARTIER, Roger. (Org.). *La Correspondance*. Les usages de la lettre au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *O que é um autor?: revisão de uma genealogia*. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: Ed. da UFSCar, 2012.
- COELHO, Ana Amelia. História do tempo antigo, para o futuro: o diário de Helena Morley. In: *Revista Criação & Crítica*, n. 6, p. 44 – 57, 2011.
- COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2. ed. 2009.
- COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.129-149,1998.
- COSTA, Célia Leite. Intimidade versus interesse público: a problemática dos arquivos. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.189-199,1998.
- COSTA, Octavio. Vida e obra de Nelson Werneck Sodré. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Orgs). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, p. 17-30.
- COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. In: *Cadernos do Colóquio*, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2006.

COUTO, J. G. Jornalismo cultural em crise. In: DINES, A.; MALIN, M. *Jornalismo brasileiro: no caminho das transformações*. Brasília: Banco do Brasil, 1996, p. 129-131.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 35, p. 253-270, 2007.

CUNHA, Paulo Ribeiro da Cunha. *Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2002.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. Nelson Werneck Sodré, os militares e a questão democrática: algumas questões e uma problemática. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Org.). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, pp. 31-45.

CURTIS, Regina. A Revolução Brasileira: um diálogo entre Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado e Caio Prado Júnior. In: *Revista Textura*, Canoas, n.11, p. 65-72, 2005.

D’ALESSIO, Marcia Mansor. A política no fazer e no saber históricos. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti *et all* (Org.). *Dimensões da política na historiografia*. Campinas: Pontes, 2008, p. 39-49.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (Org.) *Destinatário: Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

DE PAULA, Cristiano Pinheiro. Revista Civilização Brasileira: dilaceramentos e combates. In: *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 5, n. 6/7 - Polêmicas (2003), p. 82-92, 2003.

DEL ROIO, Marcos. Sodré e a dialética da formação social brasileira. In: *Crítica Marxista*, n.42, p.85-102, 2016.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ENGEL, Doraci. Virtude epistêmica e normatividade. *In: Anais da Semana Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS - VIII Edição*, Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 1-15.

FALCON, Francisco J. C. A identidade do historiador. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, v. 9, n. 17, p. 7-30, 1996.

FIORUCCI, Rodolfo. História Oral, Memória, História. *In: Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 4 n. 8, p. 1-17, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 2000.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo Gustavo Capanema. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GIL, Maria. A intimidade em performances autobiográficas. *In: Cadernos PAR*, n. 6, p. 104-123, 2015.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOLDBERG, Roselee. *A arte da performance: do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura), 2005.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.121-127,1998.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. *In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 163-196.

- GONTIJO, Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo (1916-1927). In: *Revista Trajetos*, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 1-25, 2004.
- GOODSON, Ivor. Exploring history and memory through autobiographical memory. In: *Historia y Memoria de la Educación*, v. 1, p. 263-285, 2015.
- GUAZZELLI, Dante Guimaraens. O dever de memória e o historiador: uma análise de dois casos brasileiros. In: *Revista Mosaico*. Rio de Janeiro, v.2, n. 4, 2010, p. 46-68.
- GUIMARÃES, Lúcia M. P.; ARAÚJO, Valdeci L. de. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 93-110.
- GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris: Garnier, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HEDDON, Deirdre. *Autobiography and Performance*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. Identidade e diferença. In: HEIDEGGER, Martin. *Os pensadores: Heidegger*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 41-66, 1997.
- HEYMANN, Luciana Quillet. *De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”*: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.
- HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Direitos e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 15-43.
- HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 40-57, 2009.
- IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro. Auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*. 2006. Tese (Doutorado em Letras. Literatura Comparada). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, 2006.
- LALIEU, Olivier. L'invention du “devoir de mémoire In: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 69, p. 83-94, 2001.

- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEAL, Mara Lucia. Corpo e(m) Performance. In: *Anais VI Congresso de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas 2010*. UFBA.
- LEJEUNE, Philippe. Guarda-memória. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 111-119, 1997.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim . Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LEJEUNE, Phillippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEMOS, Alexandre Piana. A Formação História Brasileira: perspectivas marxistas. In: *Revista AEDOS*, Rio Grande do Sul. v. 2, n. 3, p. 52-72, 2009.
- LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas*. A história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- LEMOS, Renato. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. In: *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, Rio de Janeiro, 1997, p. 67-81.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: Da biografia. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp. 141-184.
- LIMA, Kleverson T. “Up to date: práticas de um missivista no início do século XX”. In: Borges, Maria Elisa Linhares (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. pp.157-190.
- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- LISBOA, Marcos José Alves. O conceito de identidade narrativa e a alteridade na obra de Paul Ricoeur: aproximações. In: *Impulso*, Piracicaba, v. 23, n. 56, p. 99-112, 2013.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LYONS, Martym. Práticas de leitura, práticas de escritura: cartas de amor e escritas íntimas – França e Austrália, século XIX. In: *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.4, n.2, p.55-67, 1998.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. In: *Cadernos Cedem*, v 1, p. 16-32, 2008.

MALATIAN, Teresa Maria. Itinerários na correspondência entre Oliveira Lima e Fidelino de Figueiredo (1912-1928). In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 8, n. 19, p. 10-28, 2016.

MALATIAN, Teresa. “Cartas: Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARIN, Louis. Ler um quadro – uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas da leitura*. - 4ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. pp.117-140.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo, compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MAUES, Flamarion. Livros, editoras e oposição à ditadura. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 91-104, 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.89-103,1998.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 246-276.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIGUEL, Felipe Mendes Sozzi. Virtudes epistêmicas na epistemologia de Alvin Plantinga. In: *Theoria*, Pouso Alegre (MG), v. 5, n. 14, p. 1-21, 2013.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella. *Prezado, senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 41-55.

MORAES, João Quartim; DEL ROIO, Marcos (Org.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995-1998, vols. I a VI.

MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

MORAES, Marcos A. Epistolografia e crítica genética. *In: Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007.

MORAES, Marcos A. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico*. São Paulo: Edusp, 2002.

MORAIS, Fernando *et al.* Narrativa documental e literária nas biografias. *In: Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 93-113, Out. 1995.

NETTO, José Paulo. Nelson Werneck Sodré. *In: SODRÉ, Nelson Werneck. O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992, p. 7-39.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear. *In: Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 18-34, jan./jun. 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. *In: Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes Epistêmicas na Historiografia Brasileira (1980-1990)*. 2017. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Virtudes Epistêmicas na Prática do Historiador: o caso da sensibilidade histórica na historiografia brasileira (1980-1990). *In: História da Historiografia*, v. 9, n. 22, p. 170-183, 2017.

PALUDO, Luciana. *Corpo, fenômeno e manifestação: performance*. 2006. Dissertação (Mestrado em artes visuais/ Poéticas visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto de Artes programa de pós-graduação em artes visuais, Porto Alegre, 2006.

PAUL, Herman. Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e de metas intelectuais. *In: História da Historiografia*, Ouro preto, n. 21, p. 25-42, 2016.

PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo Particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. *In: Patrimônio e Memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 55-73, 2009.

PEREIRA, Daniel Mesquita; FELIPPE, Eduardo Ferraz. Missivas que constroem limites: projeto intelectual e projeto político nas cartas de Capistrano de Abreu ao Barão do Rio Branco (1886-1903). *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 487-506, 2008.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. *In: Soletras – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ*, n. 28, p. 344-355, jul.-dez. 2014.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brasileira historical writing in global perspective: on

the emergence of the concept of “historiography”. In: *History and Theory*. Wesleyan University, Theme Issue 54, p. 84-104, 2015.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia de bolso, 2006.

PINHEIRO, Filipe Leite. *As interpretações do Brasil de Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré*: um debate sobre a revolução brasileira. Monografia (Bacharelado em Economia). 80f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POPKIN, Jeremy D. Historians on the Autobiographical Frontier. In: *The American Historical Review*, v. 104, n. 3, p. 725-748, 1999.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: Verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.105-119, 1998.

READ, Alan. *Theatre and everyday life: an ethics of performance*. London: Routledge, 1995.

REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e circulação...” - censura a livros na ditadura militar. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, 2014.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

REMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Tradução: Lucy Moreira César. Campinas SP: Papyrus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo II). São Paulo: Papyrus, 1995.

RICUPERO, Bernardo. A tempestade e a América. In: *Lua Nova*, São Paulo, n. 93, p. 11-31, 2014.

RIOUX, Jean Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÊTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

- ROCHA, Clara. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Almedina, 1977.
- ROCHA, Clara. *Máscaras de narciso*. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.
- SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. In: *Revista do Departamento de Psicologia*, UFF, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.113-127, 2005.
- SALOMON, Marlon. *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. In: *Revista de Estudos de Literatura*, v. 1, p. 11-17. Belo Horizonte, 1993.
- SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. *A pedagogia franqueada: Judith Grossmann e a cena teórico-crítica dos estudos literários no PPGLL, do ILUFBA*. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia. Moritz. Biografia como gênero e como problema. In: *História Social*, Campinas, n. 24, p. 51-73, 2013.
- SEIXAS, Jacy Alves. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. In: *História*, São Paulo, v. 20, p. 100-120, 2001b.
- SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: SILVA, Marcos. (Org.) *Dicionário crítico Nelson Werneck*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- SILVA, Marcos. (Org.) *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru: EDUSC; São Paulo: Fapesp, 2001.
- SILVA, Marcos. Werneck Sodré hoje. In: *Marxismo21*, São Paulo, 2012a.
- SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. In: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 -136, 2015.
- SILVA, Wilton C. L. Biografias: construção e reconstrução da memória. In: *Fronteiras*, [S.l.], v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009.
- SILVA, Wilton C. L. Espelhos de palavras: Escritas de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da vida*:

reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012b. pp. 39-6.

SILVA, Wilton, C. L. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. In: *Revista História (São Paulo)*, v. 33, p. 340-364, 2014 (Tradução de artigo).

SILVEIRA, Ênio. [Orelha do livro]. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

SILVEIRA, Ênio. [Orelha do livro]. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor – I - Formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Vera Cruz – 146).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990a.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O fascismo cotidiano*. Belo Horizonte (MG): Oficina de Livros, 1990b.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofensiva Reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

SODRÉ, Olga. *Odisseia de um general do povo brasileiro e de sua geração intelectual: testemunho de Olga Sodré sobre o combate intelectual de Nelson Werneck Sodré*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2019.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau*. Tradução de Maria Lúcia Machado. - São Paulo: Companhia das Letras, 1991

SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

TEDESCO, João Carlos. *Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio-histórica da memória*. Passo Fundo: EDUPF, 2011.

THOMÉ, Maria Cristina. Nelson Werneck Sodré e a formação do profissional de história. In: SILVA, Marcos (Org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, pp. 171-181.

TOMEI, Samuel. História e desvios da moral. *Le Monde Diplomatique*. 2001, p. 1.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. In: *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 205-224, 2009.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 111-138.

VIEIRA, Luiz Renato. Ênio Silveira e a Civilização Brasileira: notas para uma sociologia do mercado editorial no Brasil. In: *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 20, n. 2, p. 139-192, jul./dez. 1996.

ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. *Virtues of the Mind: an inquiry into the nature of virtue and the ethical foundations of knowledge*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1996.

ZARILLI, Philip. For whom is the king a king? Issues of intercultural production, perception and reception in a Kathakali King Lear. In: JANELLE, G. R; ROACH, Joseph R. (Org.). *Critical theory and performance*. Ann Arbor-Michigan, University of Michigan Press, p. 108-134.